
INTRODUÇÃO:

MAX WEBER 150 ANOS DEPOIS

Carlos Eduardo Sell¹

De Max Weber conhecemos a célebre assertiva feita em *Wissenschaft als Beruf*: “a ciência está condenada a eterna juventude”. Aplicando a frase ao próprio Max Weber é de surpreender, portanto, que 150 anos após seu nascimento, o pensamento desse autor exiba, ainda, uma exuberante juventude. Não deveria ela fenecer diante das transformações sociais e, principalmente, diante das radicais mudanças nas formas de pensar nas quais estamos imersos neste aflorar do século XXI? Mas, se Weber não foi vítima de sua própria profecia, no que consiste e onde reside a atualidade de um autor capaz de resistir aos golpes inflexíveis do devir histórico e continuar a alimentar nosso modo de pensar? Foi visando enfrentar esta instigante questão que a Revista Em Tese organizou esse dossiê dedicado aos 150 anos do nascimento Karl Emil Maximilian Weber (nascido em 05 de maio de 1864 na cidade de Erfurt, na Alemanha). O dossiê é composto de seis artigos que revisam crítica e criativamente a dimensão metodológica e dois componentes essenciais de seus estudos empíricos: economia (capitalismo) e política (dominação). Analisemos, pois, estes três aspectos da sociologia de Weber para situar os artigos publicados nesta edição.

Começemos pela **dimensão metodológica**. “Minha sociologia”. Foi com estas palavras que Max Weber dirigiu-se ao seu editor, Paul Siebeck, em carta datada de 10 de maio de 1916, na qual ele se explicava sobre os problemas envolvidos no término dos projetos com os quais estava comprometido. Em trecho completo, ele dirá: “Minha ‘Sociologia’? Por Deus! Eu já ficaria feliz se durante esta guerra eu puder apresentar-lhe terminados os artigos sobre ‘A ética econômica das religiões mundiais’ que deverá ser publicada conjuntamente com ‘A ética protestante’”. E mais adiante: “A sociologia tem que estar pronta *após* a guerra. Ela *será* terminada, a esse respeito não tenha qualquer medo” (MWG II/9, p.411)². De fato, Weber cumpriu sua promessa e trabalhou intensamente neste escrito, ainda que o destino tenha lhe tirado a oportunidade de concluí-lo.

¹ Doutor em Sociologia Política (UFSC) com pós-doutorado na *Ruprechts-Karl Universität Heidelberg* (Alemanha). Recebeu, em 2014, o prêmio ANPOCS de Melhor obra científica em Ciências Sociais pelo seu trabalho “Max Weber e a racionalização da vida” (Editora Vozes, 2013).

² Publicado em MWG II/9, p.411.

Realmente, o livro que Max Weber designava como “*Sociologia*” (como sugere a carta acima) passou para a história com o nome de *Economia e Sociedade*, designação que perdura até hoje. Os responsáveis por esta decisão foram os primeiros editores da obra, Marianne Weber, Melchior Palyi e Johannes Winckelmann, a quem coube o enorme desafio de oferecer para as gerações seguintes à organização do imenso espólio weberiano. No entendimento de ambos, os escritos deixados por Weber seriam suficientemente consistentes a ponto de poderem ser reunidos em uma única publicação com uma lógica de ordenação bastante clara. A primeira parte dos textos consistia em uma sistematização com ênfase “teórica”, enquanto a segunda parte consistiria na “aplicação” destes conceitos para análises sociais concretas e específicas. Independente da divisão de todo este material em diferentes livros, partes e capítulos (no qual eles adotaram disposições diferentes), a escolha dos critérios de sociologia “teórica” e “aplicada” foi o modo pelo qual o espólio weberiano foi integrado em uma publicação concebida a partir de uma lógica *sincrônica*, explicando o porquê das eventuais contradições e repetições destes textos. A opção, diga-se de passagem, descontados todos os limites hoje conhecidos, foi um enorme sucesso, pois, em 1998, em inquérito realizado pela Associação Internacional de Sociologia (ISA), *Economia e Sociedade* foi apontada como a obra sociológica mais importante do século XX. Nasceu, assim, um clássico.

Rompendo com esta escolha, a atual edição crítica dos textos de Weber (denominada MWG – *Max Weber Gesamtausgabe*) optou por uma reconstrução histórica desse escrito. Na disposição *diacrônica* em que eles estão agora apresentados, o material reunido tardiamente sob a rubrica de *Economia e Sociedade* não é concebido como uma obra unitária, mas como um grande “projeto”, composto de duas grandes “fases”, ambas separadas pela primeira guerra mundial. Ao desmontar aquele escrito sólido e coerente imaginado por Marianne Weber, Palyi e Winckelmann, a coleção *Max Weber Gesamtausgabe* revela como a obra foi se constituindo cronologicamente, em camadas sucessivas, com todas as vicissitudes que tal empreitada comporta. Dessa forma podemos perceber que o tratado sociológico que Weber vinha preparando em sua fase final de vida não obedece a uma divisão entre um lado “teórico” e outro “aplicado”. Juntando-se a parte mais nova do texto com seu 1) capítulo metodológico e seus tópicos sobre 2) a economia, 3) a dominação e 4) as classes e estamentos sociais, e os seus presumíveis capítulos restantes (que partindo da remodelação dos materiais antigos podemos deduzir que trariam capítulos sobre 5) comunidades, 6) religião, 7) direito e 8) o Estado), temos que concluir que a sociologia compreensivo-explicativa weberiana é, de ponta a ponta, teórica. A mudança de perspectiva não é de pouca monta e merece ser de novo enfatizada: o

livro que passou a história com o nome de *Economia e Sociedade* [mas que iria receber o nome de *Sociologia*] é em seu escopo um grande tratado teórico-sistemático de tipos ideais sociológicos. Para isso, basta que nos atenhamos a uma observação feita por Weber logo na primeira parte do texto: “a sociologia constrói (...) conceitos de *tipos* e procura regras *gerais* dos acontecimentos” (MWG I/23, p.169). Se tivermos que utilizar o termo “aplicado”, no sentido atual do termo, ele poderia ser muito melhor empregado aos escritos comparativos das religiões mundiais de Max Weber, contexto em que os seus tipos ideais sociológicos são retomados com foco na explanação causal e compreensão significativa de processos histórico-sociais específicos. Se existe uma divisão entre teoria e empiria no conjunto da obra de Weber ele não atravessa o interior de *Economia e Sociedade*, residindo bem mais na diferença entre os seus trabalhos teórico-*sistemáticos* (teoria sociológica) e sociológico-*empíricos* a respeito do racionalismo ocidental.

O primeiro destes capítulos, os famosos *Conceitos Sociológicos Fundamentais*, representa um aprimoramento terminológico substancial em relação ao escrito de 1913 (*Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva*) no qual, pela primeira vez, Weber esboçou seu método sociológico. O que ali era apresentado em termos da diferenciação entre “ação de massa” e “ação em comunidade” e sua diferenciação em “ação societária” e “ação por acordo”, até chegar ao esboço de uma teoria das organizações, recebe em 1920 uma nova apresentação. O que não se alterou foram os fundamentos metodológicos da sociologia weberiana que obedece a clara distinção entre o plano microssociológico dos mecanismos de “orientação” da ação e o plano emergente dos mecanismos de “coordenação” da ação. Por esta ótica, nos dezessete parágrafos deste primeiro capítulo podemos enxergar um desenvolvimento lógico (não necessariamente sequencial) que perpassa o plano fundante dos tipos de ação (parágrafos 1 e 2), passando pelos diferentes tipos de relações sociais (parágrafos 3, 4, 8, 9, 10, 11 e 16), até chegar ao nível das ordens sociais (5, 6 e 7) e suas formas estruturadas, concebidas como União ou como Instituição (12, 13, 14, 15 e 17).

Também no plano microssociológico, a ocasião é propícia para romper com um dos mais arraigados pressupostos ao qual a interpretação da tipologia weberiana das ações sociais está ligada: a tese segundo a qual a ação racional em relação a fins possui a prioridade ontológica, representando os demais tipos apenas formas de desvio, em escala decrescente, deste tipo básico. Embora a *Zweckrationalität* tenha prioridade no que se reporta a ordem do observador (possui o maior grau de compreensibilidade racional), quando nos colocamos na perspectiva do próprio observado (do ator), os três componentes do modelo weberiano de ação social, a saber, o Fim (*Zweck*), o Valor (*Wert*) e o

Meio (*Mittel*), não podem ser dissociados e possuem o mesmo peso teórico. Deste pressuposto, conclui-se que, do plano inicial das formas de ação não passíveis de orientação e compreensão racional (tradicional e afetiva), chegando até as formas racionais (com relação a fins e valores), a racionalidade da ação pode ser motivada tanto por máximas-normativas quanto por máximas de eficiência e, no caso destas últimas, não nos encontramos diante de qualquer hierarquia analítica. Ao buscar refletir sobre o conceito de “sentido” e seus desdobramentos na fenomenologia de Alfred Schütz, Elaine Garcez (*Weber, Schutz e a busca de "sentido" na ação social: uma análise comparativa*) ressalta este aspecto e capta com fineza precisamente a dimensão hermenêutica da proposta de sociologia da Max Weber.

A **sociologia econômica** de Weber é considerada por alguns comentadores a dimensão chave de sua obra madura e o centro de toda sua pesquisa (SWEDBERG, 2003). Embora se entenda que esta leitura seja unilateral, isso em nada retira a importância da reflexão sociológica de Weber sobre os fenômenos econômicos. Em sua primeira fase, os textos de teoria econômica [*Wirtschaftstheorie*] do jovem professor Max Weber (em Freiburg e Heidelberg), ainda que oriundos de um acadêmico que pertencia ao grupo mais jovem da Escola Histórica, não escondem sua forte proximidade com a Escola Austríaca e sua teoria subjetiva do valor (utilidade marginal). E que Weber era exímio conhecedor das teorias econômicas de Marx, basta, como indício, o tópico que ele deixou preparado para as aulas proferidas no semestre de verão de 1895, logo no início de sua carreira docente, ainda em Freiburg, e cujo tema, *A questão operária alemã no Estado e na Nação*, continha a seguinte pergunta: *Qual é a natureza do marxismo?* (MWG III/4, p.303-306)³. Outro imenso conjunto de textos orienta-se pela perspectiva da História Econômica [*Wirtschaftsgeschichte*] e inclui suas três versões das *Relações agrárias do mundo antigo* (MWG I/6) e as aulas que ele ministrou no semestre de inverno de 1919 (MWG III/6), em Munique, e que foram denominadas de *Esboço de uma história econômico-social geral* (título que também mostra que não se trata de uma olhar histórico *tout court*, mas sob uma ótica bastante específica: *história social*)⁴.

³ Em tempos de “capitalismo financeiro” também valeria reler com cuidado o material que Weber escreveu sobre *A natureza da Bolsa* (MWG I/5, vols 1 e 2).

⁴ O texto, publicado pela primeira vez, ainda em alemão, em 1923, recebeu o título de “História Econômica Geral”, título que também foi utilizado na tradução em português. Em tempo, os editores da MWG recuperaram o título original das conferências dadas por Weber em 1919, tal como apresentado acima.

Tal retrospectiva pode nos ajudar a apontar a identidade epistemológica da sociologia econômica [*Wirtschaftssoziologie*] de Weber, situando-a em relação às duas disciplinas acima. Deste prisma, devemos enfatizar mais a diferença entre sociologia e história, pois embora ambas sejam empíricas, ele concebia esta última como a tentativa de explanação de relações causais contingentes, enquanto a sociologia deveria estar orientada para o geral. Em relação ao segundo par, são mais as afinidades que se destacam, pois a sociologia do econômico aproxima-se da teoria econômica, dado que também ela tem como meta reconstruir padrões globais da ação, embora eles não sejam concebidos de forma lógico-dogmática, como no caso da ciência econômica e de seu *homo oeconomicus*: no seu centro não está a teoria do valor e dos bens, mas a compreensão da variedade de orientações e de sentidos da ação.

Mas não foi apenas a perspectiva disciplinar de Weber sobre o econômico que foi amadurecendo com o tempo. Também o conteúdo substantivo de suas análises sofre deslocamentos. Enquanto em “*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*” Weber restringia-se quase que exclusivamente ao cenário ocidental e europeu, lentamente, ele vai abarcando novos contextos civilizatórios, como já mostram os seus trabalhos sobre *As relações agrárias do mundo antigo*, bem como sua vasta pesquisa sobre as religiões mundiais (*A ética econômica das religiões mundiais*). Neste trajeto, também o modo como Weber concebia a grande força modeladora de nosso tempo – o capitalismo – modifica-se. Tomando como ponto de partida o escrito de 1904/1905 (*A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*), sabemos que ele dedicou-se com mais afinco ao estudo do “espírito” do capitalismo do que a sua “forma” (estrutura), com acento no influxo das “ideias” no curso dos “interesses”. Nas suas fases posteriores, contudo, Weber também vai agregando a dimensão dos interesses a sua análise, além de alargar sua concepção do capitalismo enquanto estrutura (ou forma): não se trata mais, meramente, de um fenômeno temporalmente localizado na Europa, mas de um fenômeno universal (que pode ser localizado em diversos formatos ao longo da história). Nesse sentido, ele abre sua reflexão para uma tipologia das formas histórico-estruturais do capitalismo e para uma teoria do capitalismo na sua versão moderna. Nesse dossiê, três trabalhos retomam esse tema. Enquanto Aldo Antonio Schmitz discute o conceito de weberiano de profissão ou “*Beruf*” (*Max Weber e a corrente neweberiana na sociologia das profissões*), Fábio Hartmann (*A forma e o “espírito do capitalismo” em Max Weber*) e Lúcio Forno (*Um novo espírito, sim! uma revisão do debate sobre o espírito do capitalismo*) retomam a díade forma e espírito do capitalismo discutindo sua pertinência para a análise do capitalismo contemporâneo.

Max Weber dedicou enorme esforço à sua **sociologia política** e referia-se a ela sempre com grande orgulho: em carta a seu Editor ele mesmo afirma ter desenvolvido “uma doutrina sociológica geral do Estado e da Dominação”, acrescentando “que não existe nada igual, nem sequer um modelo” (MWG II/8, p.450)⁵. Ao longo das oito versões da tipologia weberiana da dominação (que aparecem em diferentes escritos), Weber foi sempre ajustando sua terminologia e, nesta última versão, mais curta que a primeira, ele modifica dois importantes aspectos: os tipos mistos e, em particular, o tipo carismático. Na primeira versão, o feudalismo era apenas um subtipo da dominação tradicional, enquanto na sua versão final ele aparece como um tipo misto que combina elementos tradicionais com carismáticos (sendo, por isso, colocado após a trilogia básica). A questão do carisma ocupou não só a mente, mas também os esforços políticos de Weber que, preocupado com o futuro da Alemanha pós-guerra, então em plena efervescência revolucionária, coloca-o em pugna por uma democracia plebiscitária. Em 1917, ainda em Viena, ele testou a ideia de apresentar a democracia moderna (de caráter plebiscitário) como um quarto tipo de dominação. Contudo, na sua versão final, a trilogia weberiana é restabelecida e a moderna democracia de massas é apresentada como uma combinação de elementos burocráticos e carismáticos, desembocando em uma reflexão sobre “A transformação antiautoritária do carisma” tema que Hélio Maúngue retoma e aplica ao seu estudo sobre o líder carismático Samora Machel de Moçambique (*Para uma sociologia do carisma na atualidade: ensaio para leitura do carisma de Samora Machel*). Enriquecendo esse bloco, Éder Rodrigo Gimenes conecta a sociologia weberiana da ação social com a literatura contemporânea sobre comportamento político. (*Comportamento eleitoral e tipologia da ação social weberiana: considerações sobre a tese do apartidarismo norte-americano*).

A sociologia da dominação de Weber, portanto, além dos tipos puros, possui ainda tipos mistos e tipos transitórios (no sentido de que indicam um processo) e, não por último, uma planejada, mas não escrita, teoria da revolução (o carisma como força revolucionária da história). O escrito intitulado *A cidade* não foi aproveitado e o tópico “partidos políticos” (antes ligado às classes e estamentos) aparece, em esboço, no final. Muito provavelmente, Weber pretendia ainda escrever um capítulo sobre o Estado, mas estes planos não foram concretizados⁶. Qual é, em Weber, a relação

⁵ Carta de 30 de dezembro de 1913 (MWG II/8, p.450).

⁶ Importantes pistas sobre este tema estão nas aulas proferidas por Weber em 1920, em Munique, e cujas anotações foram publicadas em: WEBER, Max. **Allgemeine Staatslehre und Politik (Staatssoziologie)**. Unvollendet. Mit-und

entre a sociologia da dominação e a sociologia do Estado é, até hoje, um assunto não resolvido na bibliografia secundária.

Embora o paradigma weberiano seja orientado para o geral e para o tipológico, Weber não perde de vista a substância histórico-dinâmica dos fenômenos sociais. Nesta direção, ressalta-se como, no interior das diversas esferas de ação, o pensador prestou particular atenção às relações de conflito, seja entre racionalidade formal e material (economia), dominadores e aparato administrativo (política) ou entre situação econômica e prestígio simbólico (classe e estamento). Esses conflitos atravessam não apenas o interior de cada esfera social, mas também emergem das relações entre elas.

Conclusão: também a sociologia weberiana é de pleno direito uma sociologia do conflito. Isto também abre uma janela para percebermos que os temas tratados em sua sociologia são atravessados pelos confrontos existentes em sua época. Não é difícil perceber como, nos tipos de dominação, a disputa de interesses entre forças tradicionais (*Junkers*), o aparato estatal (Burocrata) e lideranças carismáticas (a figura do Político) constitui todo o pano de fundo de sua análise da esfera política. Da mesma forma, o conflito entre o princípio da representação e a democracia dos conselhos (revolução de 1918) convenceu o autor da necessidade da institucionalização do princípio carismático, na forma de uma democracia plebiscitária. E mesmo na árida e longa explanação weberiana do econômico, o conflito entre a racionalidade formal e material alimenta-se da tensão entre a lógica do capitalismo e as tentativas de materialização substantiva da justiça social representada pelos movimentos socialistas. De qualquer forma, o juízo de Weber sobre esta proposta, já conhecemos: o subproduto do socialismo é, conforme sua profética formulação, a “Morada da servidão do futuro”. Constatar este pano de fundo demonstra o quanto suas intervenções político-engajadas orientavam-se pela sua visão sociológica, ao mesmo tempo em que os problemas de seu tempo eram uma das principais fontes de sua reflexão sociológica.

Os estudos aqui reunidos inserem-se de forma oportuna em uma série de eventos que marcaram a reflexão sobre a obra de Max Weber no Brasil por ocasião de seus 150 anos. Em Natal realizou-se o *Seminário Internacional Max Weber*. Em Florianópolis e Porto Alegre, Wolfgang Schluchter, da Universidade de Heidelberg e um dos coordenadores da Coleção *Max Weber Gesamtausgabe* ministrou Conferências sobre o tema do capitalismo na obra weberiana. No mês de outubro também Hans Albert (Universidade de Heidelberg) esteve em Florianópolis para discutir a

Nachschriften 1920. HÜBINGER, Gangolf e TERWEY, Andreas (Orgs.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009 (Coleção Max Weber Gesamtausgabe – MWG III/7).

atualidade da metodologia de Weber (em especial seus tipos ideais) e para participar da Mesa Redonda *Max Weber 150 anos* depois, realizada no 34º Encontro da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais). No mês de novembro Uberlândia sediou ainda o *Colóquio Max Weber*. Os trabalhos aqui publicados são frutos da disciplina “*Max Weber e a sociologia contemporânea*” que foi ministrada por diversas vezes nos últimos semestres letivos no *Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina* e são uma amostra da riqueza dos estudos e pesquisas que a partir dela foram produzidas. Ao mesmo tempo são um sólido testemunho de como a obra de Weber continua a desafiar nossas formas de pensar e interpretar o mundo do século XXI.

REFERÊNCIAS

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Max Weber. Wirtschaft und Gesellschaft. Entstehungsgeschichte und Dokumente*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/ 24).

SWEDBERG, Richard. *Max Weber e a ideia de sociologia econômica*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005, p.311.

WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte. Nachlass. Die Stadt*. NIPPEL, Wilfried (Org.). Tübingen: Mohr Siebeck, 1999 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/22-5).

_____. *Börsenwesen*. Schriften und Reden 1893-1898. BORCHARDT, Knut e MEYER-STOLL, Cornelia (Orgs.). Tübingen: Mohr Siebeck, 1999 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/5, Vols. 1 e 2).

_____. *Briefe 1913-1914*. LEPSIUS, M. Rainer; MOMMSEN, Wolfgang J.; RUDHARD, Birgit e SCHÖN, Manfred (Eds.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2003 (Max Weber Gesamtausgabe - MWG II/08).

_____. *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte. Nachlass. Herrschaft*. HANKE, Edith e KROLL, Thomas (Orgs.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2005 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/22-4).

_____. *Zur Social-und Wirtschaftsgeschichte des Altertums*. DEINIGER, Jürgen (Org.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2006 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/6).

_____. *Briefe 1915-197*. LEPSIUS, M. Rainer; KRUMEICH; RUDHARD, Birgit e SCHÖN, Manfred (Eds.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2008 (Max Weber Gesamtausgabe - MWG II/09).

_____. *Wirtschaft und Gesellschaft. Die Wirtschaft und die gesellschaftlichen Ordnungen und Mächte. Nachlass. Recht*. GEPHART, Werner e HERMES, Siegfried (Org.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2010 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG I/22-3).

_____. *Abriss der universalen Social-und Wirtschaftsgeschichte. Mit-und Nachschriften 1919/20*. SCHLUCHTER, Wolfgang e SCHRÖEDER, Joachin (Orgs.) Tübingen: Mohr Siebeck, 2011 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG III/6).

_____. *Arbeiterfrage und Arbeiterbewegung. Vorlesungen 1895-1898*. ALDENNOFF-HÜBBINGER, Rita e FEHLEMANN, Silke (Orgs.). Tübingen: Mohr Siebeck, 2009 (Max Weber Gesamtausgabe – MWG III/4).